



ENCRUZILHADAS (PER)FORMATIVAS E INTERDISCIPLINARES DE UM PROFESSOR-MEDIATOR

ADILSON DI CARVALHO

Ator, Encenador e Professor de Arte(s) da Secretaria de Educação da Paraíba. Licenciado em Teatro pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pela Universidade de Évora (Portugal) por meio do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI 2012-2014) da CAPES-Brasil. Mestrando em Artes da Cena pela Escola Superior de Artes Célia Helena, em parceria com a Escola Itaú Cultural. Este artigo contém um resultado parcial de pesquisa em andamento, que se desenvolve sob orientação da Professora Dra. Graziela Kunsch.

RESUMO

Partindo da encruzilhada estabelecidas pelas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) no que se refere à atuação do professor de Arte nas escolas, apresento-me, aqui, como um professor de Arte(s), revelando a fricção entre a formação acadêmica – em uma modalidade/linguagem artística específica – e a realidade polivalente que se instaura no contexto escolar. Ao descrever uma prática artístico-pedagógica no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) em uma escola de Campina Grande, Paraíba, mobilizo o conceito de “professor-mediator”, ou tão-somente *mediator*, valendo-me da minha formação em Teatro para conduzir processos de leitura – e (re)invenção – da *imagem*. Assentado na *cosmopercepção* de Exu, o artigo expõe um percurso de (sobre)vivência para atravessar as encruzilhadas interdisciplinares do campo da Arte na Educação Básica.

PALAVRAS-CHAVE:

Arte na Escola. Interdisciplinaridade. *Mediator*. Professor de Arte(s). Exu.

(PER)FORMATIVE AND INTERDISCIPLINARY CROSSROADS OF A TEACHER-MEDIATOR

ABSTRACT

Starting from the crossroads established by the guidelines of the National Common Curricular Base (BNCC, 2018) regarding the performance of the Art teacher in schools, I present myself here as an Art teacher, revealing the friction between academic training – in a specific artistic modality/ language – and the multipurpose reality that is established in the school context. When describing an artistic-pedagogical practice in Elementary School II (6th to 9th grade) in a school of Campina Grande, Paraíba, I mobilize the concept of “teacher-mediator”, or simply mediator, using my training in Theater to conduct processes of reading – and (re)invention – of the image. Based on the cosmoperception of Exu, the article exposes a path of (sur)vival to cross the interdisciplinary crossroads of the field of Art in Basic Education.

KEYWORDS:

Art at School. Interdisciplinarity. Mediator. Art(s) Teacher. Exu.



INTRODUÇÃO

Um dia, Exu me disse: “Um caminho só se faz com o primeiro passo”. Carrego essa frase comigo a cada novo passo dado e, com essa sabedoria ancestral, abro os caminhos deste artigo. No centro de uma encruzilhada, eu costumava avistar, apenas, quatro caminhos. Mas, certa vez, a voz de Exu sussurrou em meu ouvido e perguntou: “quantos caminhos existem numa encruzilhada?” Olhei para as quatro direções e a resposta parecia óbvia. Até que escutei o vento me dizer: “em uma encruzilhada existem sete caminhos”. Matematicamente incrédulo, ainda não conseguia entender. Gargalhando na minha cara, Exu me orientou: “além dos quatro caminhos óbvios, existem outros três: o *àiyé* (terra) debaixo dos seus pés – cave –; o *òrun* (céu) sobre o seu *orí* (cabeça) – acione sua espiral –; e o último rumo possível, é para dentro de você. Então, quando todos os caminhos parecerem fechados, caminhe para dentro de si e todos os outros se abrirão. Laroyê!”.

Na epistemologia lorubá, Exu é o Orixá responsável por transitar entre o *òrun* e o *àiyé*. Ele é o *òjisé* (mensageiro) que estabelece a comunicação entre dois mundos: o físico dos humanos e o metafísico dos Orixás. Assentado nesse saber ancestral, que me constitui enquanto um *iyàwó* – pessoa iniciada no candomblé que ainda não completou o ciclo iniciático de sete anos – posso afirmar que Exu, em sua natureza, é um mediador.

Buscando articular uma narrativa a partir dessa metáfora imagética e epistêmica do sétimo caminho possível em uma encruzilhada, proponho um movimento de tempo espiralar e volto ao passado, a fim de evidenciar alguns rastros (per)formativos que fizeram parte da minha formação acadêmica-profissional e estruturam o conceito de *mediator*¹. Diante de vários caminhos possíveis para o ensino de Arte no contexto escolar, essa noção se reacende, para mim, como uma possibilidade para atravessar as encruzilhadas interdisciplinares da Arte na Escola.

Além da voz de Exu, nesta escrita, ouço, também, a oralitura da autora Leda Maria Martins, que vem sistematizando a noção de encruzilhada e suas imbricações acadêmicas. Escuto também o eco de Luiz Rufino do centro de sua Pedagogia das Encruzilhadas, bem como as vozes de outros autores e autoras que convido para, junto comigo, atravessarem as encruzadas que estruturam este texto.

1 O conceito de *mediator* que apresentamos aqui não foi criado para substituir a nomenclatura de mediador já existente, mas sim no intuito de contribuir com a discussão que a nossa pesquisa pretende suscitar. O neologismo, criado com a junção das palavras mediador e ator, serve para investigar conceitualmente o profissional do teatro que assume a função de mediador artístico em ambientes expositivos, como galerias de arte e museus (Carvalho, A.F, *Mediator: entre o teatro e as artes visuais*. Conceição | Concept., Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 119-130, jan./jun. 2016).



Partindo da formação acadêmica em arte/educação – na qual graduados recebem uma titulação específica de licenciado em uma modalidade/linguagem da Arte como Artes Visuais, Teatro, Música ou Dança –, este relato de experiência artístico-profissional busca dialogar com pares que, aqui, considero como professores de *Arte(s)*. Essa grafia pretende problematizar, em termos conceituais, a realidade polivalente e interdisciplinar que se estabelece na prática pedagógica do componente curricular de Arte na educação formal, de acordo com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018).

Escrevo desde a minha vivência atual em sala de aula, como professor de Arte(s) do Ensino Fundamental (anos finais – do 6º ao 9º ano) – experiência que escolhi abordar neste artigo –, e do Ensino Médio na Escola Cidadã Integral Solon de Lucena, em Campina Grande, Paraíba. Atuando na fronteira entre o teatro e as artes visuais, ou na articulação entre teatro e performance – buscarei responder aqui as seguintes perguntas: quais as contribuições da noção de *mediator* para (re)pensar práticas (per)formativas do professor de Arte(s)? Em que medida o conceito de *mediator* pode contribuir no processo de leitura – e (re)invenção – da imagem, conduzido pelo professor de Arte(s)?

ENCRUZILHADA 1 – PROFESSOR DE ARTE OU ARTE(S)?

Por vezes, me questiono: sou professor de Arte ou de Artes? Como essa pergunta pode ajudar a ressignificar práticas e/ou abordagens metodológicas na educação formal? Aparentemente, seria simples resolver essa questão e me chamar de professor de Arte, pois esse é o nome oficial do componente curricular. Adotar o plural também pode ser um caminho fácil, assumindo um cruzamento entre as linguagens do Teatro, das Artes Visuais, da Dança e da Música. Porém, enveredar por esse caminho plural não implica dizer que preciso ter uma formação mais aprofundada nas quatro linguagens que circunscrevem a Arte no contexto escolar?



Longe de sair desta encruzilhada e sabendo que “Exu, como ser questionador e revelador utiliza o embaraço ou o choque para causar a reflexão acerca do caráter falho das dicotomias diante da complexidade da existência. Exu destrói as zonas de conforto para proporcionar o avanço” (Carvalho, 2019, p. 14), por ora me compreendo como um *professor de Arte(s)*. A operação feita – o “(s)” acrescentado na grafia da palavra “Arte” – busca alcançar a problematização, em termos conceituais e práticos, da relação entre a formação acadêmica específica em uma linguagem artística e o horizonte profissional polivalente que se faz necessário no contexto escolar. De acordo com as diretrizes apresentadas para o componente curricular de Arte na BNCC:

Ainda que as linguagens artísticas das Artes Visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma compartimentada ou estanque. Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e a reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a performance (Brasil, 2018, p. 192).

É nessa encruzilhada entre saberes específicos, interdisciplinares e multidisciplinares que se apresenta o território da Arte na Escola. Essas premissas exigem de nós, professores e professoras de Arte(s), uma formação holística, complexa e híbrida que, na maioria das vezes, é apenas ventilada nos cursos de licenciaturas em arte-educação no Brasil e que, em termos metodológicos, não dá conta de suprir as necessidades da realidade profissional que encontramos no contexto escolar.

Um exemplo prático desse desajuste, que se dá em vários níveis, é que, no início do ano letivo de 2024, durante o preenchimento do cadastro de informações acadêmicas no novo sistema operacional (SIAGE) da Secretaria de Educação da Paraíba, coloquei como minha formação a área específica “Teatro – formação de professor – Licenciatura”, de acordo com o que estava disponível no campo de preenchimento. Porém, deu “erro” e o sistema não reconheceu e não atualizou o meu cadastro para início do ano letivo. Após ser aberta uma solicitação para a gerência regional, o “problema” só foi resolvido depois que uma funcionária veio até a escola e inseriu nesse campo a informação “Artes – formação de professor – Licenciatura”, mesmo sendo divergente da nomenclatura “Licenciatura em Teatro”, que meus diplomas acadêmicos afirmam.



Essa “confusão” não me parece ser algo presente em outras áreas do conhecimento. Por isso, essa fricção entre os termos Arte e Artes pretende problematizar e evidenciar a seguinte encruzilhada (per)formativa: como ter uma formação acadêmica específica no curso de Licenciatura em Teatro e desempenhar uma prática profissional que se apresenta nos moldes da polivalência?

De acordo com Rufino (2019, p. 39), “A encruzilhada é ambivalente, não se define lado, é palco de todos os tempos e possibilidades”. Nesse sentido, é importante salientar que o intuito deste artigo não é definir um termo correto ou aprofundar definições linguísticas, mas refletir sobre o que está “por trás” desse jogo entre o singular e o plural e defender uma formação mais condizente com o que a nossa prática exige.

ENCRUZILHADA 2 – O ATOR

Na minha prática artístico-profissional, parto sempre da minha formação como ator para atravessar as encruzilhadas que se apresentam em frente. Ao longo da história das artes da cena, sobretudo do teatro, a figura do ator vem sendo (re)pensada e ganhando novos contornos, em busca de suprir as necessidades das novas tendências do teatro contemporâneo, que já não partem das formas tradicionais e, portanto, exigem outras competências (per)formativas do ator.

Desde o ano de 2012, venho sendo atravessado pelo pensamento apresentado por Matteo Bonfitto em seu livro *O ator compositor*:

[...] não existe o “teatro”, existem os “teatros”. Teatros muito diferentes entre si, que utilizam de diferentes matrizes no processo de criação do próprio fenômeno. Há teatros que partem do texto dramático, outros de imagens coletadas, outros de experiências vividas, outros de técnicas já constituídas [...] (Bonfitto, 2002, p. 125).



Nesse sentido, o teatro pode ser compreendido, nos dias atuais, como uma arte de formas múltiplas, completamente estilhaçada e híbrida. É nesse panorama teatral que o ator/arte-educador assume a difícil tarefa de encarar uma formação multidisciplinar, complexa, que visa atender às características do teatro contemporâneo. Em busca de satisfazer as necessidades desse teatro que se desenha à sua frente, o ator deve ser capaz de transitar entre diferentes linguagens artísticas, na tentativa de construir partituras físicas a partir de materiais abstratos e subjetivos e produzir sentidos por meio dessas relações e das diversas qualidades expressivas em sua atuação cênica.

Sabendo que “*Artistas-etc.* não se moldam facilmente em categorias [...]” (Basbaum, 2013, p. 168), seja como ator, encenador ou professor de Arte(s), essas múltiplas possibilidades de feitura do teatro me mobilizam até hoje para atravessar as encruzilhadas multidisciplinares e interdisciplinares nas diferentes funções. Essa prática híbrida encontra na performance elementos metodológicos que estabelecem um diálogo entre o teatro e as artes visuais que vem sendo explorado na minha trajetória artística e profissional. Sobre a performance, Eleonora Fabião (2009, p. 68) afirma que: “Sua inserção no âmbito de ensino do teatro causará algum desconforto e desassossego, mas, seguramente, proporcionará fricções interdisciplinares de enorme valia”. Ou seja, uma das características conceituais da performance é romper paradigmas hegemônicos das formas de arte dominantes.

A partir dos conceitos que sustentam a linguagem da performance, me interessa, no contexto escolar, recorrer ao seu caráter de borrar as fronteiras que delimitam as artes, além de reivindicar procedimentos de criação e composição cênica que são matizados a partir de saberes do teatro e das artes visuais e que não estão comprometidos, diretamente, com um entendimento linear advindo do chamado “teatro clássico”. Esses elementos vêm sendo explorados por mim em processos de leitura – e (re)invenção – de imagem na sala de aula, por meio de uma abordagem performativa que considera a tríade *imagem-corpo-cena* como um dispositivo cinético de criação e mediação.



ENCRUZILHADA 3 – O MEDIADOR

Pode-se dizer que a mediação atinge vários níveis das nossas relações sociais e que “[...] nem sempre o profissional ou a instância a quem se incumbe a tarefa de aproximar a obra e o público é designado como mediador. Tal é o caso de profissionais como críticos, jornalistas, historiadores [...]”, conforme apontado por Pupo (2011, p. 114). Reforçando a ideia de aproximação das funções socioculturais do ator e do mediador, Teixeira Coelho (1997, p. 248) define o mediador cultural como “todo aquele que exerce atividades de aproximação entre indivíduos ou grupos de indivíduos e as obras de cultura”. Dialogando com esse pensamento, passei a compreender o ator/arte-educador como mais um dentre os profissionais que assumem características da função de mediador cultural na esfera social.

Rufino (2019, p. 28) diz que: “Exu e suas encruzilhadas nos possibilitam reler o nosso tempo”. Hoje, percebo que a espiral do tempo não parou de fluir e conecta passado e presente nesta escrita. Em 2011, ainda no início do curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), fui convidado pelo Museu de Arte Popular (MAP), localizado no Pátio de São Pedro, em Recife, para realizar uma performance durante as atividades artísticas dentro da programação da 9ª Semana Nacional de Museus, no período de 16 a 22 de maio de 2011. Na ocasião, o convite foi feito para a criação de uma performance que dialogasse com a mostra *Teia de Cordéis*, uma coleção de cordéis portugueses do pesquisador Arnaldo Saraiva. A criação performática intitulada de *Além-Mar* foi desenvolvida a fim de promover uma mediação lúdica pela exposição. A performance teve como elemento principal uma grande saia azul que simbolizava o mar. A partir de uma movimentação corporal ao som do fado português do grupo musical Madredeus, de forma interativa, os espectadores eram convidados a formar palavras com as letras do alfabeto produzidas em feltro e que poderiam ser presas na saia com velcro.

As letras estiveram presentes como metáfora da língua portuguesa que, com as devidas variações, une a história do cordel entre Portugal e o Brasil. Posso dizer que a criação dessa performance foi o primeiro passo da caminhada que me conduziu até aqui. A partir dessa experiência, o território que se estabeleceu na minha jornada, como artista-pesquisador, foi a fronteira entre

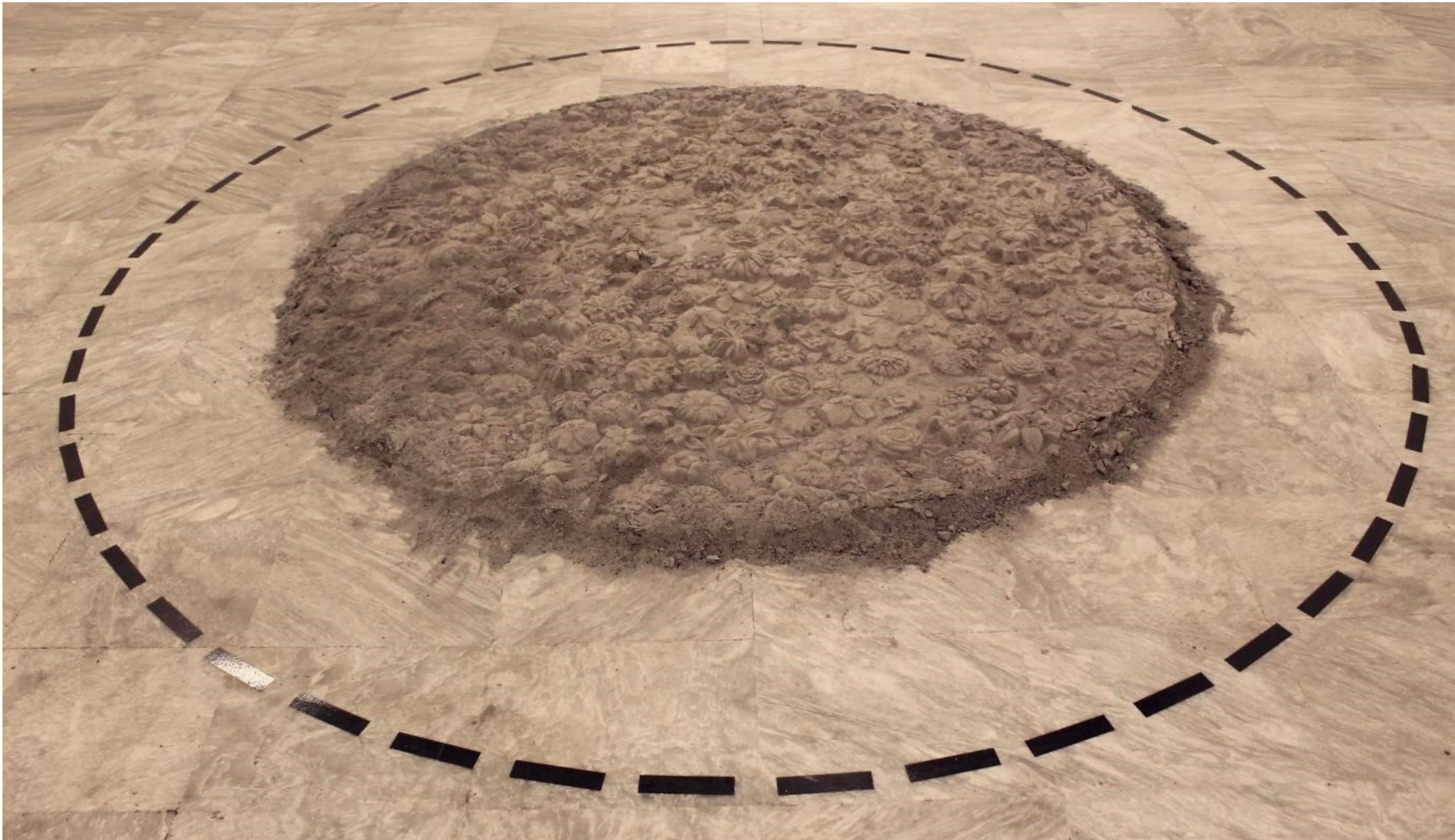


o teatro e as artes visuais, tendo a performance e, posteriormente, a mediação artística, como o lugar de encontro dessas linguagens artísticas.

Outro momento marcante do meu despertar para a mediação em artes visuais aconteceu diante da obra *One more garden, one more circle*, de Maria Tsagkari. Na ocasião, fui extremamente afetado por esse delicado trabalho artístico.

IMAGEM 1

Instalação: *One more garden, one more circle*, de Maria Tsagkari, em exposição no Museu Nacional de Arte Contemporânea de Atenas, 2014.
Fonte: acervo pessoal do autor





A instalação efêmera consistia em um círculo composto por diversas flores construídas com o que parecia ser uma areia cinza (Imagem 1). Em uma mirada mais atenta, era possível notar algumas flores pisadas, com rastros de pegadas humanas. Encantado e com o olhar curioso, segui contornando toda a extensão da obra, intrigado com o que via. Após esse primeiro contato, fui ler um texto fixado na parede, que contextualizava o trabalho. Em seguida, voltei à apreciação da obra. Relacionando o texto que acabara de ler com o que via à minha frente, fui tomado por uma forte emoção, tendo em vista a reflexão que foi provocada. Aquela areia era, na realidade, formada inteiramente por cinzas de regiões de conflito. Aquelas 800 flores, de 70 espécies diferentes, dependiam do nosso cuidado para seguir existindo².

Este relato pessoal pretende ilustrar a experiência de uma vivência, na qual a mediação da obra se deu por informações contidas em um texto, que explicava o que estava “por trás” da criação. A forma textual foi o elemento de mediação, sendo decisiva para a fruição estética que foi descrita. A leitura do texto possibilitou um redimensionamento da relação afetiva com a instalação. Porém, a palavra, escrita ou falada, não é o único recurso para a mediação. Em determinados contextos sociais, ou pelo caráter conceitual da obra ou até por determinadas necessidades de um tipo de público, apenas o texto pode não dar conta de mediar a relação do espectador com a obra. Na apreciação de *One more garden, one more circle*, provavelmente, aconteceram relações distintas da que meu relato pessoal traz. A subjetividade, a sensibilidade individual de ser ativado frente a uma obra de arte, seja ela visual, cênica, musical etc., será sempre diferente para cada indivíduo.

Movido por essas inquietações em relação ao universo da mediação artística, no ano de 2015, orientado pelo Professor Me. Marcondes Lima, desenvolvi a pesquisa *Mediator: entre o teatro e as artes visuais*, por meio de uma vivência durante um estágio na função de mediador, realizado no setor educativo da Galeria Janete Costa, localizada no Parque Dona Lindu, no Recife. Durante esse período, pude investigar processos de subjetivação na relação entre o indivíduo e a imagem. Para tanto, foram utilizados jogos corporais, improvisações com objetos, exercícios cênicos, microperformances, entre outras atividades, que proporcionaram algumas reflexões e hipóteses sobre a relação que pode se estabelecer entre o teatro e as artes visuais no processo de mediação em espaços destinados às artes visuais.

Esta investigação teórico-prática possibilitou refletir sobre novas perspectivas referentes à formação do mediador e do ator/arte-educador na contemporaneidade, além de apontar a criação

2 Mais informações sobre a obra no site da artista: <https://mariat-sagkari.com/portfolio-item/one-more-garden-one-more-circle/>



de outros espaços de atuação profissional para o ator. Por meio do pensamento de que o ator é, em si, um mediador cultural e artístico, a partir do momento em que ele estabelece pontes entre o enunciado de um discurso estético advindo do teatro e o público, surgiu o conceito de *mediator*. Contornando as espirais do tempo, em 20 de outubro de 2022 voltei ao espaço da Galeria Janete Costa, assumindo a função de coordenador pedagógico da exposição *50 Anos Ferreira de Arte*³.

Atualmente, os rastros dessa trajetória (per)formativa no campo da mediação cultural e artística contribuem para o meu trabalho como professor de Arte(s) na Educação Básica. O conceito de *mediator* funciona como uma bússola que me guia na travessia das encruzilhadas interdisciplinares da Arte na Escola. Em termos teórico-práticos, ele (re)aparece como referência metodológica para conduzir processos de leitura de imagem na sala de aula. A partir da articulação entre as artes visuais e a performatividade do corpo – numa perspectiva do teatro expandido – a tríade *imagem-corpo-cena* funciona como um dispositivo para uma mediação cinética que pode se desdobrar na criação e composição cênica e/ou visual dos estudantes. Sendo assim, por meio desta prática artístico-pedagógica, tem sido possível (re)pensar abordagens na modalidade de “artes integradas”, de acordo com as diretrizes da BNCC (Brasil, 2018).

ENCRUZILHADA 4, 5, 6, 7 – O PROFESSOR- MEDIATOR: CAMINHOS ABERTOS

Desde 2020, sou professor de Arte(s) da Rede Estadual de Ensino da Paraíba, lotado na Escola Cidadã Integral Solon de Lucena, onde venho realizando ações artísticas e pedagógicas. Fundada em 1924, neste ano, 2024, a ECI Solon de Lucena comemora o seu centenário, sendo a escola pública mais antiga da cidade de Campina Grande. Em 2019, a escola passou a seguir o modelo das Escolas Cidadãs Integrais da Secretaria

³ Ficha técnica exposição: <https://www.50anosferreirarte.com.br/fichatecnica>.



de Educação do Estado. Esse é o contexto escolar em que estou desenvolvendo uma investigação entre saberes do Teatro e das Artes Visuais, ou da Performance, aplicando a tríade *imagem-corpo-cena* em processos de leitura de imagem.

Ao longo de quatro anos, venho desenhando essa prática artístico-pedagógica, sobretudo, nas turmas do Ensino Fundamental (anos finais – 6º ao 9º ano), uma vez que, nas séries do Ensino Médio, a carga horária do componente curricular de Arte é de, apenas, uma aula por semana em cada turma, dificultando a realização de atividades extensas que necessitam de desdobramento e aprofundamento em aulas subsequentes. Nas turmas do Ensino Fundamental, com carga horária de três aulas por semana, desenvolvo a ação *Da imagem à cena*, inicialmente com estudantes das turmas do 8º ano A e B, que hoje seguem nas turmas do 9º ano A e B.

Inicialmente, tomei como ponto de partida a *abordagem triangular* idealizada por Ana Mae Barbosa, que propõe três eixos norteadores para o trabalho com obras artísticas em exposições ou na sala de aula: leitura, contextualização e fazer artístico. Dando meu toque de *ator-compositor*, ou de *professor-mediador*, mobilizo a tríade *imagem-corpo-cena* durante o processo de leitura – e (re)invenção – de uma obra de arte em sala de aula. Esse fazer se constrói a partir da análise de imagens em diferentes suportes, podendo ser pinturas, fotografias, colagens, esculturas, audiovisuais, etc. Após a etapa de apreciação desse material, os estudantes são convidados a corporificarem as imagens, a partir de perguntas-chave e jogos cênicos/performativos que dialoguem com o universo imagético apreciado. Em seguida, os participantes (re)criam cênica ou performaticamente, considerando elementos da obra visual analisada. Essa operação vem se constituindo cada vez mais como uma metodologia de trabalho minha.

Trago aqui alguns exemplos práticos de criações pelas turmas: 1) Caminhada em câmera lenta pelos corredores da escola, seguindo linhas e formas geométricas desenhadas com giz no chão, a partir da apreciação dos elementos visuais – linha, forma e cor – na tela *Composição com vermelho, amarelo e azul*, de Piet Mondrian (1930); 2) *Fanfic*⁴ da história de Narciso, sendo contada por um grupo de estudantes após a apreciação e contextualização histórica da pintura *Narciso*, de Caravaggio (por volta de 1597-99); 3) Criação de colagens coletivas e individuais que posteriormente foram dispositivos para a composição de cenas teatrais sobre racismo, homofobia, igualdade de gênero, relações de poder e outras temáticas sociais, apresentadas em sala de aula; 4) Roteiros de performances criados com base em uma imagem fotografada, ou descrita,

4 “Fanfic” é um termo que deriva do inglês “fan fiction”, ou “ficção de fã”. Trata-se de uma narrativa ficcional escrita e divulgada por fãs com o intuito de (re)criar novos rumos para obras cinematográficas, literárias, entre outras

vista no caminho para a escola; 5) Experimentação de princípios coreográficos do Butô, a partir do estranhamento causado por um registro de Kazuo Ohno⁵ presente no livro didático.

Na fotografia acima, as e os estudantes exploraram a ausência do sentido da visão com a intenção de abrir o olhar para outras sensações sinestésicas do corpo. Como exercício de visualização imagética, os participantes das turmas do 9º B, investigaram a relação entre *ver e ser visto* e foram orientados a observar as “imagens mentais”, durante o percurso pela escola, buscando responder a seguinte pergunta: o que você enxerga quando fecha os olhos? Esse processo se deu por meio da leitura – e (re)invenção – de imagem da tela *O falso espelho*, de René Magritte (1928). Contemplando os ideais da vanguarda surrealista – que compreende a imagem a partir de aspectos simbólicos e oníricos do inconsciente humano – a obra de Magritte apresenta um grande olho humano, tendo a íris preenchida com um fundo de céu azul com algumas nuvens, enquanto a pupila provoca a sensação de ser um “buraco negro”, no centro da tela, sugando o olhar do espectador. Em sua fruição estética, a obra parece convidar o apreciador a se



IMAGEM 2

Experimento performativo: turma do 9º ano B explorando a relação entre ver/ser visto e visualização de imagens mentais interiores. Fonte: acervo pessoal do autor.

5 Kazuo Ohno, um dançarino e coreógrafo japonês foi um mestre do Butô, arte que mistura dança e artes dramáticas. Foi discípulo e fez parceria com Tatsumi Hijikata, considerado o inventor da dança Butô.



perder na sensação entre observar e ser observado. A leitura – e (re)invenção – de imagem, por meio da abordagem da tríade imagem-corpo-cena buscou redimensionar a obra visual e ampliar as suas possibilidades de interpretação, considerando a performatividade do corpo como parte integrante desse sistema. Esse experimento performático deve integrar a exposição performática, que estamos construindo juntos e será tema de um texto futuro.

Aqui cabe citar o texto jamais escrito sobre a noção de *sala de aula como espaço de performance*, de Regina Melim, artista e professora do curso de Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Em 2004, Regina deu uma oficina sobre esse tema no *Projeto Matéria*⁶, obra do artista e professor Jorge Menna Barreto, que transformou o espaço expositivo do Centro Cultural São Paulo (CCSP) em uma sala de aula. Em diálogo com a minha orientadora de Mestrado, a também artista e professora (somos muitos!) Graziela Kunsch, que lhe perguntou se havia uma documentação escrita sobre essa oficina ou sobre a sua prática em sala de aula, Regina contou:

[...] o que eu dizia na época e, de alguma forma, se tornou uma metodologia que criei em sala de aula para a disciplina de performance, era que as obras / performances analisadas seriam dispositivos para ação/proposição de novas performances (até porque era um outro tempo/lugar/corpo). Era imaginar as obras / performances analisadas como instruções que qualquer um de nós poderia 'refazer'.

O 'espaço de performance' surge do encontro do espectador (aqui pensando de forma bem estendida, daí considerar os alunos como espectadores) com a obra (proposição) a partir da criação de um espaço comunicacional ou relacional (que vale dizer: espaço de interpretação). Ou seja, o espaço de ação do espectador (aluno).

A questão então estaria em como proporcionar isso. Eu propunha em sala de aula que toda obra que fosse vista/analisaada era uma proposição e que se prolongaria a partir da nossa participação.

Em sintonia com a proposição metodológica descrita pela professora Regina Melim, as experiências que foram apresentadas e outras que vêm se desenhando para o futuro comprovam que o

⁶ O *Projeto Matéria* (2004) consistiu na transformação do espaço expositivo em uma sala de aula, onde foi realizada uma oficina sobre arte contemporânea, durante dois meses, em oito encontros semanais, com um grupo fixo de quinze pessoas. Ver <https://cargocollective.com/jorgemennabarreto/Projeto-Materia>



processo de leitura – e (re)invenção – de imagem (aí incluídas obras que prescindem da imagem!), configura-se como um dispositivo motriz para a criação subjetiva, estética, poética e política.

CONCLUSÃO

Ao longo da narrativa deste artigo, uma trajetória de (sobre)vivência e (re)invenção artístico-pedagógica foi apresentada, com o objetivo de atravessar a lacuna entre a formação acadêmica e a prática da arte-educação no contexto escolar. Além de metáfora imagética criada para estruturar as ideias apresentadas neste artigo, a noção de *encruzilhada* pôde ser útil também como base para uma epistemologia, que possibilite, também, (re)pensar abordagens artísticas interdisciplinares na Escola.

Assim como a figura ancestral de Exu, o professor-mediador é um *médium* que caminha pelas encruzilhadas (per)formativas entre os conhecimentos específicos adquiridos em sua formação acadêmica, em uma das linguagens da arte-educação, e os conhecimentos interdisciplinares adquiridos por meio de sua história de vida e sua prática escolar. É um operador da multilinguagem que emerge de diversos signos dos campos corporais, imagéticos, sensoriais e subjetivos durante o processo de leitura – e (re)invenção – de imagem em sala de aula.

Sabendo que a encruzilhada é o lugar da complexidade, a problematização exposta neste artigo busca abrir caminhos e amplificar as vozes, diante da necessidade prática de se (re)pensar currículos acadêmicos que preencham as lacunas polivalentes entre saberes específicos e interdisciplinares no contexto da Educação formal, considerando metodologias híbridas e de mediação artística em disciplinas de cursos de licenciaturas em arte-educação.

Com Exu soprando em meu ouvido nesta encruzilhada (final?), pergunto: como seria se cada um de nós, *professores-mediadores-performers-artistas-etc.*, compartilhássemos as nossas práticas, uns com os outros?



REFERÊNCIAS

- » BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.** 5ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- » BARRETO, Jorge Menna. Anotações sobre uma certa inclinação educativa em de uma trajetória (supostamente) artística. *In*: KUNSCH, Graziela (ed.). Revista **Urbânia** 5. São Paulo: 31ª Bienal de São Paulo e Editora Pressa, 2014. Disponível em: <<https://naocaber.org/revista-urbania-5/>>. Acesso em: 12 maio 2024.
- » BARRETO, Jorge Menna. **Projeto Matéria.** Descrição da obra no site do artista. Disponível em: <<https://jorggemennabarreto.com/trabalhos/projeto-materia-matter-project/>>. Acesso em: 12 maio 2024.
- » BASBAUM, Ricardo. **Manual do artista-etc.** Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2013. Disponível em: <https://rbtxt.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/04/manual_do_artista_etc.pdf>. Acesso em: 12 maio 2024.
- » BONFITTO, Matteo. **O ator compositor: as ações físicas como eixo: de Stanislávski a Barba.** São Paulo: Perspectiva, 2002.
- » BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- » CARVALHO, Adilson. **Mediator: entre o teatro e as artes visuais.** Conceição | Concept: Campinas – SP, v. 5, n. 1, p. 119-130, 2016. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/ppgac/article/view/446>>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- » CARVALHO, Priscila Roberta Nunes de. **Exu nas escolas – Cosmovisões, epistemologias e valores civilizatórios iorubanos como caminho para uma educação decolonial.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico) – Colégio Pedro II, Pró-reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<pricilacarvalho2019tcc.pdf> (cp2.g12.br)>. Acesso em: 2 maio 2024.
- » FABIÃO, Eleonora. Performance, Teatro e Ensino: Poéticas e Políticas da Interdisciplinaridade. *In*: **Cartografias do ensino do teatro.** (org.) FLORENTINO Adilson,



- TELLES, Narciso. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: <[E-book_cartografias_do_teatro_2009.indd \(ufu.br\)](#)>. Acesso em: 19 mar. 2024.
- » MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
 - » MELIM, Regina. Conversa com Graziela Kunsch sobre “**A sala de aula como espaço de performance**”, abril de 2024. Mensagens privadas gentilmente cedidas pelas autoras.
 - » PUPO, Maria Lúcia. **Mediação artística uma tessitura em processo**. Florianópolis: Urdimento, n. 17, p. 113-121, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102172011113/9534>> Acesso em: 5 abr. 2024.
 - » RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
 - » TEIXEIRA COELHO, José. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997. Disponível em: <https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Coelho-Dicionario_critico_de_politica_cultural.pdf> Acesso em: 10 abr. 2024.